O LEGADO LITERÁRIO, LINGUÍSTICO E CULTURAL DO UNIVERSO CHAMADO HISPANOAMÉRICA

Lorena Gois de Lima Cavalcante[1]

Resumo: este artigo fundamenta-se na tríade Língua, Literatura e Cultura, para abordar questões referentes à hispanoamérica. Questões estas que envolvem o ensino da língua e da literatura espanhola, a interculturalidade, a abrangência dos países hispânicos no mercado editorial mundial, sendo sua produção literária reconhecida mundialmente com obras e autores reverenciados pela crítica literária; bem como a diversidade linguística, sendo a língua o elemento em comum entre os países, que foi fundamental para a produção de uma literatura nacional, servindo para unificar os países vizinhos. Destaca-se aqui também, a cultura hispânica inicialmente ligada à europeia, passando depois a uma cultura própria devido a movimentos e lutas em busca da afirmação cultural hispanoamericana. Para repensar esse legado, mais do que linguístico, cultural e literário,

1. Mestre em Literatura e Interculturalidade (MLI) pela Universidade Estadual da Paraíba. Professora assistente de Língua Espanhola da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). e-mail: llorylima@yahoo.com.br

histórico também, é que segue nas próximas linhas um breve tratado dessa história.
Palavras-chave: Literatura; Língua; Cultura.

Resumen: este artículo se fundamenta en la tríade Lengua, Literatura y Cultura, para tratar de cuestiones referentes a la Hispanoamérica. Cuestiones estas que envuelven la enseñanza de la lengua y de la literatura española, la interculturalidad, el destaque de los países hispánicos en el mercado editorial mundial, siendo su producción literaria reconocida mundialmente con obras y autores reverenciados por la crítica literaria; bien como la diversidad lingüística, siendo la lengua el elemento en común entre los países, que fue fundamental para la producción de una literatura nacional, sirviendo para unificar los países vecinos; Se destaca aquí también, la cultura hispánica inicialmente ligada a la europea, pasando después a una cultura propia debido a movimientos y luchas en busca de la afirmación cultural hispanoamericana. Para repensar ese legado, más de lo que lingüístico, cultural y literario, histórico también, es que sigue en las próximas líneas un breve tratado de esa historia.
Palabras-llave: Literatura; Lengua; Cultura.

1 Introdução

Nunca se falou tanto em interculturalidade, nos últimos tempos temos encontrado muitas pesquisas que trazem como temática essa questão. Neste artigo, busco na interculturalidade hispânica discutir o legado literário, cultural e linguístico da hispanoamérica. Tendo em vista um universo tão plural como o hispanoamericano, o objetivo vai além de traçar as variedades linguísticas presentes nestes países de origem hispânica, uma vez que muitos estudos já foram feitos a respeito. Dessa maneira, o que está em pauta aqui, dando margem ao estudo, é a diversidade não só linguística como também cultural e literária.

A literatura hispanoamericana tem um grande reconhecimento internacional, o grande exemplo disso são os prêmios Nobel já conquistados nessa área. A produção literária é imensa, muitas obras já foram traduzidas para diversas línguas e muitas outras premiações já foram alcançadas. Quanto à cultura, aqui está também seu maior legado como berço das antigas civilizações, preservando sua história, línguas e costumes que ainda mantêm-se vivos.

2 A diversidade linguística na hispanoamérica

A diversidade da língua espanhola se explica pela vasta imensidão geográfica que abarca esse idioma. Falado em mais de

vinte países, o espanhol incorpora traços da história, da cultura e influências linguísticas de cada região e de outras etnias, o que acaba por originar particularidades em seu uso. Tendo em vista essa diversidade, não se pode dizer que uma variante é melhor ou mais importante que outra. Deve-se respeitar as diferenças que existem no léxico, na fonética e na gramática, admitir que uma língua seja a *estándar* ou a principal seria o mesmo que reforçar o preconceito linguístico, e isso a Real Academia Espanhola (RAE) condena piamente, cada variante é reconhecida como tal pela RAE.

É dever dos professores de Língua Espanhola ensinar a seus alunos as variedades existentes na língua, se não todas pelos menos deixar claro que existem muitas e que todas são importantes, não existindo uma mais "bonita" ou mais "usual" que outra. Logo, a questão *Que Espanhol ensinar?* já deixa clara a diversidade presente no idioma e a devida importância que se deve dar à mesma. Mesmo o professor tendo optado por determinada variante, deve mostrar para seus alunos que existem outras tantas, presentes nesse universo que chamamos de Língua Espanhola.

O espanhol na América evoluiu de diferente modo segundo a época da colonização, a geografia, a imigração, as regiões e as zonas de influência das línguas indígenas. Uma dessas zonas compreende a região andina da Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e norte do Chile. O espanhol chegou ao

território americano através dos conquistadores espanhóis nas primeiras décadas do século XVI. A partir de uma penetração espanhola no continente americano, o idioma foi obtendo uma presença maior nos âmbitos mais importantes da vida. Não se pode esquecer que a língua e a cultura europeia foram impostas pelos colonizadores, restando hoje poucos traços da cultura e da língua dos povos que aqui habitavam. Aqui, na *Nova Espanha*, como era chamada a região hispânica pelos colonizadores, o espanhol se tornou a língua oficial, embora os indígenas seguissem empregando suas línguas vernáculas.

> *La conquista y la colonización de América fue un proceso relativamente rápido. En octubre de 1492 la expedición guiada por Cristóbal Colón llegó a las islas del Caribe. Éstas fueron ocupadas en los años siguientes, y de ellas partieron nuevas expediciones lo que pronto se vio era un nuevo continente: los españoles lo llamaron Indias Occidentales. Desde el punto de vista lingüístico, el conflicto fue múltiple: entre las lenguas autóctonas y el castellano, entre los deseos de propagar éste y los de mantener a los indígenas en sus propias lenguas – en general por motivaciones religiosas –, si bien extendiendo algunas de ellas, las que se consideraban lenguas generales (náhuatl, quechua, guaraní); por último, hubo también conflicto entre las varias formas de español llegadas al Nuevo Mundo.*[2] (POZA, 2007, p. 23).

2. A conquista e a colonização da América foi um processo relativamente rápido. Em outubro de 1492 a expedição guiada por Cristovão Colombo chegou às ilhas do Caribe.

Obviamente que o espanhol falado na hispanoamérica não é homogêneo. Cada país tem seu próprio acento, seus próprios modismos. A exemplo do México e do Peru que contam com a maior quantidade de pessoas falantes de línguas ameríndias na América e que exerceram influência direta no léxico castelhano. Pode-se citar também, o espanhol colombiano, que apresenta traços comuns do espanhol falado na América, como o *seseo* e características semelhantes a outros dialetos caribenhos como o *yeísmo*. Já os paraguaios possuem dois idiomas oficiais, o espanhol e o guarani, o espanhol usado nos meios de comunicação, nas escolas, na política e nas relações comerciais e o guarani que é usado nas relações familiares e amistosas. Como já dizia Saussure, a fala é o ato individual de cada indivíduo, dessa maneira podemos dizer que a língua é o sistema e a fala é a prática desse sistema. É evidente que todos os que falam o castelhano, não falam da mesma maneira, estas diferentes maneiras de falar é o que nos faz identificar o argentino, o peruano, o boliviano, etc., entretanto, todos possuem a mesma estrutura global linguística.

Estas foram ocupadas nos anos seguintes e delas partiram novas expedições, o que logo se viu era um novo continente: os espanhóis o chamaram *Índias Ocidentais*. Desde o ponto de vista linguístico, o conflito foi múltiplo: entre as línguas autóctonas e o castelhano, entre os desejos de propagar esta e os de manter a outra – em geral por motivações religiosas –, se bem estendendo algumas delas, as que se consideravam línguas gerais (náhuatl, quechua, guaraní); por último, houve, também, conflito entre as várias formas de espanhol chegadas ao Novo Mundo. (POZA, 2007, p. 23). Todas as traduções deste trabalho são de nossa responsabilidade.

Quando falamos em variedade linguística na hispanoamérica, lembramos imediatamente da zona do *Rio de la Plata*, que compreende a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. Os falantes que habitam essa região convergem diferentes fatores. O primeiro deles é a ampla extensão territorial, o que propicia a existência de uma série de variedades internas. O outro fator é a origem diversa das migrações chegadas à região, tanto da Espanha como de outros países europeus, e também povos oriundos de outras regiões da hispanoamérica. Logo, o substrato linguístico do espanhol da região *rioplatense* não é de forma alguma homogêneo.

3 A literatura hispanoamericana

No âmbito da literatura latinoamericana, encontram-se a literatura hispanoamericana, que se entende como um conjunto das literaturas nacionais produzidas nos países americanos de língua espanhola depois de sua independência. A literatura hispanoamericana se define por sua heterogeneidade, dessa maneira é impossível reduzi-la a uma mera definição, uma vez que, ela é tão plural como a língua e a cultura dos povos hispânicos. Como exemplo de alguns autores hispânicos: Gabriel Garcia Marquez, Rómulo Gallegos, Mario Vargas Llosa, Jorge Luis Borges, Horacio Quiroga, Pablo Neruda entre outros autores e poetas contemporâneos, ou não, contribuíram com

suas obras para a expansão da literatura hispanoamericana no mundo. Mas antes de tratar desses grandes nomes da literatura hispânica, por ordem se fará uma viagem chegando aos cronistas das Índias, período que antecede o nascimento da literatura hispanoamericana.

3.1 A literatura da colônia

Primeiramente, é importante chamar a atenção que somente podemos falar de uma Literatura Hispanoamericana a partir da Independência da Latino América, antes disso podemos somente falar de uma Literatura Espanhola na América, também conhecida como Literatura da conquista. As produções aqui feitas eram, em sua maioria, da colônia para a metrópole e escritas por europeus em sua língua materna, conhecidos como *Cronistas de Índia.*

De acordo com Cornejo Polar (2000), a literatura da conquista é constituída pela: literatura indígena, que narra a violência dos conquistadores e a destruição de suas terras; literatura hispânica de descobrimento e testemunho, caracterizada pelo teor documental e fantástico; literatura popular espanhola, escrita em forma de coplas[3] e canções crítico-satíricas; literatura moralista dos espanhóis, que

3. Poema lírico ou canção popular espanhola com estrofes pequenas e rimadas.

condenava a violência dos conquistadores e questionava a legitimidade da conquista; literatura oficial hispânica, escrita em forma de crônicas, relatava os acontecimentos da colônia para a metrópole; literatura espanhola catequística, caracteriza-se pelo gênero dramático e pela oratória sagrada; literatura inaugural do processo de transculturação, busca pela autenticidade literária, com base em futuros projetos nacionais.

Os cronistas das Índias eram assim chamados porque descreviam tudo o que encontravam aqui, servindo seus escritos como um documento de base para informar à Coroa o que se passava na colônia. Logo, as Índias haviam se tornado um lugar ideológico, político e, claro, econômico. Com seus escritos e suas descobertas, os cronistas das Índias incorporaram uma série de temáticas novas à literatura espanhola a partir de uma nova dimensão, ou seja, uma nova realidade, uma realidade concreta com que mantiveram constante contato. Deles se destacaram: Cristóbal Colón, José Oviedo, Francisco López de Gómara, Bernal Díaz del Castillo, Pedro Cieza de León e Fray Bartolomé de Las Casas. Vemos nestes escritores a necessidade de construir um discurso literário novo, capaz de adequar-se a essa realidade nova, à qual tinham que enfrentar.

O Diário de bordo de Cristóbal Colón é a primeira manifestação literária escrita desses cronistas e sem dúvida a mais importante. Isso porque descreve todo o que Colón encontrou aqui, servindo de um documento para informar à coroa o que

se passava por aqui nas Américas. Dentro dessa perspectiva, Colombo deu início, com seu diário, aos primeiros registros literários feitos em Língua Hispânica na América. A partir de 12 de outubro de 1942, Colombo escrevia:

> São estas ilhas muito verdes e férteis e de ares muito doces. E pode haver muitas coisas que não sei, porque não quero deter-me, mas penetrar e andar muitas ilhas para achar ouro." O mesmo declarará: "Mas pareceu-me que era gente muito pobre em tudo... andavam todos nus como sua mãe os deu à luz... de tanto muito singular, amorosos e de fala doce. (TAMAYO, 1979, p. 455-456).

Já Francisco López de Gómara, ao contrário de Colón e de outros cronistas, escreveu sua *Historia General de las indias con la conquista de México y Nueva España* sem ter estado jamais na América, compondo sua obra somente a base de informações passadas por Hernán Cortés e de outros conquistadores e cronistas. Sua formação era humanista e a ideia central de sua obra, gira em torno da exaltação da Espanha e do Império.

Bernal Díaz del Castillo escreveu *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*, uma historiografia orientada, a verdade exclusiva do que foi visto e do que foi vivido no Novo Mundo. Sua obra pretende aproximar o leitor, fazendo com que esse compreenda essa realidade totalmente nova. O que mais caracteriza Bernal Díaz de Castillo é seu intenso pulso

narrativo não sustentado em referências à historiografia, à retórica ou à história clássica, e sim simplesmente produzida por seu enfrentamento direto com uma nova realidade. O *romancero* e os livros de *caballerías* são as referências mais cultas que aparecem em sua obra.

De todos os cronistas o que sem dúvida mais se destacou foi Fray Bartolomé de Las Casas, por seu caráter libertário, por sua conduta defensiva em relação aos índios, por suas críticas à colonização desumana, etc. Em seu livro, *O paraíso Destruído: brevíssima relação da destruição das índias,* encontramos logo no início a seguinte citação:

> *Impresiona en Las Casas la unidad de su vida, del hombre y de la obra. No se desvía un momento sequer de la línea que estableció para su existencia; no modifica sus ideas básicas, que son pocas, mas pensadas y vividas con ardencia y sinceridad. Su obra, tan volumosa y densa, se desarrolla y se completa dentro de una efectiva unidad y espíritu. Es verdaderamente admirable, y de él no más se aleja.*[4] (LAS CASAS, 2001, p.18).

4. Impressiona em *Las Casas* a unidade de sua vida, do homem e da obra. Não se desvia um momento sequer da linha que estabeleceu para sua existência; não modifica suas ideais básicas, que são poucas, mas pensadas e vividas com ardência e sinceridade. Sua obra, tão volumosa e densa, se desenvolve e se completa dentro de uma efetiva unidade e espírito. É verdadeiramente admirável, e dele não mais se afasta. (LAS CASAS, 2001, p.18).

Embora conste como sendo os primeiros registros literários feitos na "nova terra", a literatura dos cronistas não possuía um grande valor literário, pois era meramente descritiva, já que objetivava fazer apenas um levantamento de tudo o que se encontrava pela frente, como a fauna, a flora, os nativos, etc. Na Venezuela, o enviado pela Coroa espanhola para narrar a conquista da Província foi José de Oviedo que se destacou diante dos demais cronistas por seu estilo clássico e realista. A primeira fase da produção literária venezuelana está cheia de influências europeias. Mesmo independente em relação à Espanha, a Venezuela ainda mantinha resquícios de seu período colonial. Quem deu o primeiro passo à frente da tradição que insistia em copiar os moldes europeus foi o poeta Andrés Bello, grande figura inicial da literatura venezuelana, cuja contribuição foi imensa, principalmente pelo que se refere aos incentivos à independência cultural da América Latina.

Tais incentivos referem-se à defesa pela afirmação expressiva latinoamericana e pela emancipação cultural. Andrés Bello era um defensor do "ideal americano" e incentivou outros escritores pela exaltação deste ideal na literatura, através de uma escrita que expressasse e falasse da América. Inspirados pelas ideias de Andrés Bello, seus sucessores venezuelanos: Juan Vicente Gonzaléz, Manuel Díaz Rodrigues e Rómulo Gallegos, figuras importantes da narrativa venezuelana, souberam evocar

como poucos os princípios da independência de seu país em sua prosa nativista, costumbrista[5] e realista.

Compartindo do mesmo pensamento de Andrés Bello, Simón Bolívar e Ruben Darío eram defensores e idealizadores da unidade latinoamericana. Eles tinham consciência da solidariedade continental, da necessidade de se criar um laço, uma união entre as nações emancipadas. Bolívar afirmava: "No podemos vivir sino de la unión"[6] (apud. ODDONE, 1993, p. 212), ele tinha um propósito unificador e organizador para a América Latina. Bolívar defendia em sua luta a ideologia da integração latino-americana, que faz parte da realidade da América até o presente. Ruben Darío é outro nome importante nessa luta que também realiza inovações em busca desse ideal:

> *Es el primero que quiebra la ortodoxia de la lengua metropolitana, aunque lo haga apelando a patrones franceses: su obra tiene un enorme impacto continental, renovando la poesía en lengua castellana e invirtiendo el sentido de las influencias que, por primera vez, van de nuestra América hacia España.*[7] (SAGUIER, 1995, p. 567).

5. Caracteriza-se pela pretensão de refletir uma realidade própria e de destacar seus defeitos.
6. Não podemos viver sem ser da união.
7. É o primeiro que quebra a ortodoxia da língua metropolitana, ainda que o faça apelando a patrões franceses: sua obra tem enorme impacto continental, renovando a poesia em língua castelhana e invertendo o sentido das influências que, pela primeira vez, vão de nossa América para a Espanha.

Essa iniciativa de Ruben Dario resultou numa consciência menos dependente da península por parte dos escritores americanos, criando circunstâncias histórico-geográficas e linguísticas próprias. Um exemplo disto é o poema *Martín Fierro* de José Hernández, no qual podemos reconhecer a americanidade através da cultura e da língua expressa nele. Logo, através dos trabalhos dos intelectuais como Andrés Bello, Simón Bolívar e Ruben Darío, é que começa a tomar forma a ideia de "americanismo e nacionalismo", que nas palavras de Juan A. Oddone se entende pela "voluntad de convivencia diferenciada y autónoma, una toma de conciencia de las raíces y a su vez la continuidad de esa voluntad de diferenciación"[8] (ODDONE, 1993, p. 202).

Quanto à busca pelo elemento nacional americano, a Revolução Cubana também deu sua contribuição, uma vez que se configurou como um movimento político/ideológico na luta pela autonomia de Cuba, o que significou uma mudança radical e permanente para o país. Segundo Jorge Ruffinelli, "La Revolución Cubana tuvo una influencia poderosa sobre la acción intelectual de los escritores y su escritura literaria durante toda década de

8. Vontade de convivência diferenciada e autônoma, uma tomada de consciência das raízes e por sua vez a continuidade dessa vontade de diferenciação.

sesenta."[9] (RUFFINELLI, 1995, p. 380). A literatura cubana[10], inspirada pela Revolução, compartilha ideias progressistas e anti-imperialistas com respeito aos EUA, estando comprometida com o povo. Ainda de acordo com Jorge Ruffinelli, "La Revolución se tematizó en la literatura, como movilizadora de una conciencia y de una discusión necesaria sobre la función misma de la escritura literaria, su participación social, su significación histórica."[11] (RUFFINELLI, 1995, p. 380).

3.2 O barroco hispanoamericano

O conceito barroco designou primeiramente um fenômeno próprio da arquitetura e das artes visuais, logo a música e, finalmente, as letras. Faz-se necessário, de imediato, falar sobre a definição do léxico barroco ou "Barrueco" como se escreve em castelhano – pérola irregular (perla irregular) – que passou a ser usado atingindo sua definição no século XX, como se comprova abaixo:

9. A revolução cubana teve uma influência poderosa sobre a ação intelectual dos escritores e seu texto literário durante toda década de sessenta.

10. A literatura cubana, uma referência da literatura latinoamericana, é conhecida mundialmente pelas obras de seus grandes autores Alejo Carpentier, José Martí e José Lezama Lima.

11. A revolução se tematizou na literatura, como mobilizadora de uma consciência e de uma discussão necessária sobre a própria função do texto literário, sua participação social, sua significação histórica.

> *Después de haber tenido un sentido más bien despectivo el término fue revaluado por la crítica a fines del XIX, alcanzó gran fusión en el XX y empezó a usarse, no sólo para un momento histórico especifico, sino para toda manifestación que se le pareciese, por su dificultad, ornamentación o artificio. En ese sentido metafórico, muchas cosas que no son «barrocas» pueden resultar barrocas, desde las estelas mayas hasta el lenguaje sobrecargado y opulento de Carpentier o Lezama Lima, en nuestro siglo. Esto ha permitido que algunos viesen en la cultura americana una innata predisposición barroca, lo que explicaría el entusiasmo, casi febril, con que fue cultivado en la América del siglo XVII y XVIII.*[12] (FRANCO, 1999. p. 227-228).

O barroco hispanoamericano no entrave de um contexto cultural distinto sofreu algumas mudanças: permaneceu o gosto pelas grandes construções; a plasticidade escenográfica e dramática de suas composições. Mas o barroco aqui na América teve suas particularidades, de suas características destacam-se: a natureza como elemento decorativo exuberante; a arquitetura

12. Depois de ter um sentido mais depreciativo, o termo foi reavaliado pela crítica no final do século XIX, alcançando grande fusão no século XX, momento em que começou a ser usado, não somente para um momento histórico específico, e sim para toda manifestação que aparecesse, por sua dificuldade, ornamentação ou artifício. Nesse sentido metafórico, muitas coisas que não são "barrocas" podem resultar barrocas, desde os rastros maias até a linguagem sobrecarregada e opulenta de Carpentier ou Lezama Lima, em nosso século. Isto permitiu que alguns enxergassem na cultura americana uma inata predisposição barroca, o que explicaria o entusiasmo, quase febril, com o que foi cultivado na América do século XVII e XVIII. (FRANCO, 1999. p. 227-228).

apresentando elementos decorativos e acumulação de imagens; e na literatura surge a engenhosidade verbal e o luxo decorativo. De seus representantes quem mais se destacou foi sem dúvida a mexicana Sor Juana Inés de la Cruz – sua obra se caracteriza pela dualidade: o mundano e o religioso – De suas produções merece destaque a sua poesia feminista.

O barroco abriu na América algumas vias que não haviam sido de todo exploradas até então, o lado realista do barroco que se interessava pela mais humilde realidade cotidiana. Os poetas e dramaturgos culteranos respeitavam as tradições das antigas culturas indígenas e populares, criando assim um autêntico estilo criolo, mestiço – isto se percebe bem claro na pintura e na arquitetura, nas imagens religiosas (virgens com traços indígenas e santos mulatos). Logo, o barroco americano deu sua própria versão do que havia recebido.

O barroco para Alejo Carpentier passa de uma legibilidade estética a uma legitimação na natureza e na história. É assim que ele sintetiza o seu conceito:

> *Nuestro arte siempre fue barroco: desde la espléndida escultura precolombiana y el de monasterios coloniales de nuestro continente. Hasta el amor físico se nace barroco en la encrespada obscenidad del guaco peruano […] arte nuestro, nacido de àrboles, de leños, de retablos y altares, de tallas decadentes*

> *y retratos caligráficos y hasta de neoclacisismo tardios.*[13] (CHIAMPI, 1998, p. 10).

3.3 Os autores hispanoamericanos

Depois das crônicas da conquista e da americanização do barroco, chegamos aos grandes autores da literatura hispanoamericana. Começando pelo colombiano Gabriel García Márquez um dos autores mais admirados e lidos, ultimamente. Suas obras apresentam uma temática popular, um exemplo disso é seu principal romance *Cem anos de solidão* (1967), onde ele retrata sua cidade natal Aracataca, seu povo e seus costumes. Gabriel García Márquez é um dos autores mais importantes da literatura hispanoamericana. Pai do realismo mágico, ele ganhou vários prêmios importantes da literatura, deles, o Nobel de 1982.

Outro renomado autor da literatura hispanoamericana é o peruano Mario Vargas Llosa. Atual prêmio Nobel de literatura (2011), Mario Vargas Llosa, apresenta um estilo basicamente realista. Suas obras refletem a realidade social peruana, sacudida

13. Nossa arte sempre foi barroca: desde a esplêndida escultura pré-colombiana e o de monastérios coloniais de nosso continente. Até o amor físico se nasce barroco na encrespada obscenidade do homem peruano [...] arte nossa, nascida de árvores, de lenhas, de retábulos e altares, de talhas decadentes e retratos caligráficos e até de neoclacissismo tardios. (CHIAMPI: 1998, 10).

por conflitos de tipo racial, sexual, moral e político. De suas obras destacam-se *La ciudad y los perros* (1963), *Los jefes* (1959) e *El pantaleón y las visitadoras* (1973).

O argentino Jorge Luis Borges, o chileno Pablo Neruda e o venezuelano Rómulo Gallegos, fazem parte desse grupo de autores que contribuíram para a literatura hispânica. Jorge Luis Borges foi um escritor de uma grande cultura. Sua obra abarca os gêneros da poesia, o ensaio e o relato curto. De suas obras destacam-se *Ficciones* (que é uma coleção de contos do autor, publicada no ano de 1944) e *El Aleph* (1949).

Pablo Neruda foi um grande poeta da literatura hispanoamericana, em palavras de Gabriel García Márquez "El más grande poeta del siglo XX en cualquier idioma"[14]. Suas poesias ganharam destaque internacional, o que lhe trouxe grandes premiações, delas, o Nobel de 1971. Sua poesia se caracteriza por uma renovação pós-moderna a exemplo de *Odas elementares* (1954) e *Cien años de amor* (1959). Além de influenciar vários outros poetas, sendo admirado por suas poesias, Pablo Neruda destacou-se também por sua intensa vida política. Ele foi senador da República chilena, participou do partido comunista (tendo como grande amigo o brasileiro Jorge Amado) e chegou a ser candidato à presidência.

14. O maior poeta do século XX em qualquer idioma.

Rómulo Gallegos, assim como Pablo Neruda, também fez carreira política chegando à Presidência da República. Chama atenção também sua vida literária, principalmente por sua obra mestra *Doña Barbara* (1929) que o fez conhecido internacionalmente, sendo eleita, no mesmo ano de publicação, a novela do mês na Espanha. *Doña Barbara* representa a Venezuela cruel, insensível pela corrupção, traição, despotismo, falta de liberdade, posses ilegais de terras e injustiça; daí já se pode imaginar o sucesso do livro.

4 A cultura hispânica

No que se refere ao aspecto cultural, encontra-se na hispanoamerica uma confluência de diversas culturas. Aqui houve influências indígenas e europeias. Percebe-se na língua a origem do povo hispânico, além do castelhano os traços das antigas civilizações mantêm-se vivos. No Paraguai, por exemplo, o guarani também é considerado uma Língua oficial. A culinária, a dança, a música compõem a diversidade do mundo hispânico, nele, as manifestações culturais determinam cada região. Cada país, apesar de fazer parte desse grande bloco linguístico, carrega em si suas particularidades linguísticas e culturais. O tango, a salsa, *a cuenca*, o merengue (danças, ritmos e estilos musicais), etc. registram cada região de origem. Os vinhos chilenos conhecidos mundialmente, a carne argentina

preferência também dos brasileiros, entre outras especiarias caracterizam esse universo hispânico.

Tendo em vista todos esses fatores, a cultura não deve estar afastada da sala de aula, ainda mais em se tratando de uma língua tão heterogênea como a espanhola, que se configura justamente por sua diversidade – diferentes culturas, diferenças locais e várias manifestações linguísticas. Logo, estudar uma língua estrangeira implica em conhecer e estudar também a cultura dessa língua.

O ensino de uma língua não se resume às estruturas linguísticas (ponto de vista estruturalista) do idioma estudado ou somente às quatro habilidades (perspectiva comunicativa). No ensino de um idioma a cultura é concebida como uma quinta habilidade, segundo Kramsch (1996), e uma ferramenta para a comunicação e/ou a reflexão do pensamento.

Assim sendo, a cultura da língua estrangeira não deve aparecer à margem, como uma curiosidade, uma informação adicional. À luz dos estudos básicos da linguística bakhtiniana encontramos a visão da linguagem como uma ferramenta para o pensamento ou a reflexão da linguagem como uma forma de interação social, daí duas questões cruciais emergem. A inseparabilidade entre a linguagem e a cultura é cada vez mais visível no mundo globalizado, que exige uma educação intercultural, em que a cultura e a linguagem vão de encontro a fatores chave na promoção de uma experiência compartida no

planeta. Mas os autores de livros de texto de língua estrangeira não são conscientes disso e dirigem sua atenção somente para a cultura da língua meta. Estabelecida a inseparabilidade entre a linguagem e a cultura, há que se destacar que a cultura é algo estável, preparado e acabado.

Conceber a cultura como existente somente em um contexto social significa reconhecer que ela é social e culturalmente construída nas práticas discursivas, em suas formas de ser, dizer e atuar. Esta cultura se denomina invisível; a cultura que se constrói em e pelas práticas discursivas, portanto, constitutiva da linguagem. O que se caracteriza por ser um objeto de investigação e estudo sistemático da antropologia, a ciência adota a ortografia da cultura, para referir-se a atitudes, valores, crenças, maneiras de pensar e atuar dos membros de uma sociedade. Este ponto de vista não só traciona a inseparabilidade entre a linguagem e a cultura, mas sobretudo a cultura como sendo constitutiva da língua.

Quanto ao ensino de uma língua estrangeira, se pode dizer que a aprendizagem da língua estrangeira, leva a uma percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, promove uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas estrangeiras, contribui para o desenvolvimento da percepção da própria cultura por meio da compreensão das

culturas estrangeiras. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento.

5 Considerações finais

Ficam aqui algumas contribuições a respeito do legado linguístico, literário e cultural da hispanoamérica; "algumas" porque um universo tão extenso e plural como o Hispanoamericano não dá e não é possível de se restringir em poucas linhas e em poucas páginas. Esse é um resultado de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida há anos, com o objetivo de estudar a literatura latino-americana.

Para esse artigo, foi feito um recorte apontando para as questões referentes aos países americanos de Língua espanhola, tal como a língua com toda sua diversidade, a literatura e a cultura, como um ponto de ligação entre os países. Dentro de uma nova perspectiva buscou-se estudar essa diversidade tão comentada nos centros acadêmicos, permitindo assim novas contribuições para o estudo das variações linguísticas, para a heterogeneidade cultural e literária.

Referências

ALARCOS, Emilio Llorach**.** *Gramática de la Lengua Española*. 1 ed. Madrid: Espasa Calpe 2007.

CALLISAYA, Gregorio Apaza. *Léxico Aymara en el español Boliviano***.** La Paz, 2005.

CHIAMPI, Irlemar. *Barroco e Modernidade.* São Paulo: Perspectiva, 2008.

FRANCO, Jean. *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. Barcelona, Ariel, 1999.

HATZFELD, Helmut. *Estudios sobre el barroco*. Madrid: Gredos, 1964.

HERRERO, Andión; ANTONIETA, María. *Variedades del español de América: una lengua y decinueve países.* Brasilia: Embajada de España. Consejería de educación, 2004.

KRAMSCH, C. Context and culture in language teaching. Oxford: OUP, 1996.

LAS CASAS, Frei Bartolomé. *O paraíso Destruído: brevíssima relação da destruição das índias***.** Tradução de heraldo Barbuy – Porto Alegre: L&PM. 2001, p. 180.

LAZO, Raimundo. *Historia de la literatura hispanoamericana: El periodo colonial (1492-1780).* Quinta edición, Editorial Porrúa, S. A. México 1983.

LIENHARD, Martín. *Los comienzos de la literatura latinoamericana: monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados.* In: PIZZARO, Ana (org.), América Latina. Palabra, literatura e cultural, vol. 1, A Situação colonial. Campinas, Editora da Unicamp, 1993.

ODDONE, Juan A.. Regionalismo y Nacionalismo. In: ZEA, Leopoldo (Org.). *América Latina en sus ideas.* UNESCO, 1993.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana.* VALDÉS, Mario J. (Org.); tradução Ilka Valle de Carvalho – Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

POZA, José Alberto Miranda. *España y América: tres ensayos de lengua y literatura*. Recife: Bagaço, 2007.

RUFFINELLI, Jorge. Después de la ruptura: la ficción. In: PIZARRO, Ana (Org). *América Latina: palabra, literatura e cultura.* São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.

SAGUIER, Rubén Bareiro. Asunción de la lengua**.** In: PIZARRO, Ana (Org). *América Latina: palabra, literatura e cultura.* São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.

TAMAYO, Augusto**.** Interpretações da América Latina. In: *Literatura: América Latina em sua literatura.* UNESCO. Coleção Estudos. Editora perspectiva. Coordenação e introdução de César Fernández Morena. 1979.